

A ARMA DA CHINA: — A SABEDORIA

(CHINA'S WEAPON: WITS)

(Traduzido do número de Setembro de
"FORTUNE", por VITOR JOSÉ LIMA)

A TERCEIRA Batalha de Changsha é impar num único respeito: foi a primeira vitória das Nações Unidas na Ásia. Quanto ao resto, em sua tática de flanco e profundidade, em seu envolvimento, e mesmo na semelhança da manobra com as duas prévias batalhas, ela é típica de incontáveis ações chinesas, quer levadas a cabo pelo Exército regular como, também, pelas guerrilhas. Mais uma vez um ataque japonês, apoiado por tanques mortíferos, poderosos canhões e bombardeiros, se introduzira nos exércitos chineses. Anteriormente, quer em Hunan lhadora; fuzis não são espantalhos para uma poderosa artilharia; mas esse recuo, contudo, não fora feito diante das forças principais inimigas e sim nos flancos. Um tanque não pode ser destruído com uma metralhadora; fuzis não são espantalho para uma poderosa artilharia; mas se os tanques ou canhões são deixados penetrar nas defesas, se eles são defrontados por uma defesa em profundidade cada vez mais enérgica, e se finalmente, são atacados por todos os lados, então a manobra serve como um perfeito substituto para a falta de material bélico. Foi isso o que aconteceu na China; a Terceira Batalha de Changsha é, sob um determinado aspecto, não sómente um exemplo típico de batalhas separadas, mas de todo o curso da guerra. A China recuou para vencer.

1) Tendo sido este artigo traduzido por um civil, é natural que nele apareçam expressões não utilizadas na nossa tecnologia militar. Preferimos apresentá-lo, sem demora, como se acha, a dar-lhe outra vestimenta para trazê-lo a público mais tarde (Redação).

Contudo, de todos recuos, talvez aquele que assegurou completamente a vitória da manobra chinesa foi o efetuado no dia 25 de dezembro de 1941, no instante em que tropas japonesas abriam caminho em direção ao rio Milo, em busca de Changsha. Para os japoneses, aquele era um dia de confiança. A sua ofensiva já atingira um dos principais objetivos: o de evitar que as tropas chinesas corressem em socorro de Hong Kong, que caíra em mãos nipônicas naquele mesmo dia; e a fase inicial da batalha pela conquista de Changsha parecia uma garantia para o segundo objetivo: captura da cidade chave da estrada de ferro Hankow-Cantão e o domínio de uma linha continental de comunicações que libertaria o Japão de uma sobre-dependência dos navios. O otimismo japonês exultava. A vitória em Changsha não somente faria desaparecer a humilhação de duas derrotas anteriores, como também mostraria ao mundo a potência de um país, capaz de obter vitórias em uma dúzia de frentes de combate. Os japoneses confiavam, então, de que a China, diante de um inimigo de força indestrutível, hesitaria e ruiria por terra, e que o Japão resolveria um "incidente" enquanto vencia a guerra.

Entretanto, apesar disso tudo, o entusiasmo japonês estava temperado com precaução. Na realidade, a travessia do rio Hsinchiang, alguns dias antes, fôra relativamente fácil. Um avanço japonês de oito lanças obrigara as defesas chinesas a sair de suas posições um pouco ao sul do rio; os postos avançados tinham sido destruídos e os chineses estavam, afinal, em retirada. Mas ainda restava a travessia do rio Milo, e os japoneses ainda traziam bem clara a recordação das duas primeiras batalhas pela conquista de Changsha, quando bem ao sul daquele rio suas forças tinham sido flanqueadas, envolvidas e dizimadas apresentando baixas entre 35.000 a 48.000 homens.

Contudo, a resistência no rio Milo provou ser inexplicavelmente fraca, e nos quatro dias que se seguiram as forças chinesas se derreteram como um pedaço de manteiga numa chapa quente. Quando, no dia 31 de dezembro, os japoneses convergiram sobre os subúrbios de Changsha, compreenderam que tinham vencido a batalha e de que já era tempo para congratulações e elogios nos jornais de sua pátria.

O recuo chinês, entretanto, fôra perfeitamente planejado; para os chineses, não menos do que para os japoneses, a batalha já estava inevitavelmente vencida. Estradas, pontes, leitos de estrada de ferro

e outras instalações tinham sido dinamitadas. O rio Milo recebera propositalmente uma fraca defesa, enquanto fortes concentrações de tropas, instaladas em trincheiras e fortalezas e protegidas por uma artilharia composta de canhões de fabricação alemã e chinesa colocada numa das montanhas próximas, tinham sido dispostas numa defesa em profundidade para a própria cidade. As tropas "vencidas" foram colocadas no lado este do inimigo, prontas para marchar e atacar. Forças moveis de choque, concentradas em cidades nas cercanias de Changsha, estavam esperando a ordem para empreender uma marcha forçada. Quando os japoneses se aproximaram, o general Hsueh Yo lançou uma ordem aos comandantes das unidades de choque chinesas; no dia 4 de janeiro suas colunas se atiravam contra a retaguarda dos exércitos japoneses, no momento em que eles, confiadamente, combatiam nas defesas exteriores de Changsha. Simultaneamente, os defensores de Changsha saíram de suas trincheiras e desferiram o ataque. Os nipônicos se encontraram diante não de um simples movimento de pinças, mas sim de uma perfeita armadilha.

Eles não hesitaram, entretanto; resolveram recuar imediatamente; mas durante dois dias o recuo foi impossível. A Nona Brigada, deixada à retaguarda pelos japoneses para evitar quaisquer surpresas desagradáveis, foi aniquilada pelas forças chinesas reservadas para esse fim. Durante dois dias os nipônicos se encontraram encurralados entre as forças chinesas atacantes, enquanto à noite eram vistas grandes fogueiras, anunciando a incineração de seus mortos. Tendo em vista a rutura das linhas inimigas para organizar a retirada através do rio Liuyang, os japoneses pediram imediatamente reforços aéreos e concentraram o fogo de sua artilharia e seus tanques. Desde que as balas e granadas chinesas não eram grande impecilho contra o fogo concentrado de bombas e projetis, as forças chinesas voltaram uma vez mais para os flancos para deixar que os japoneses organizassem a retirada, que foi efetuada sem demora. Os chineses, então, se aproveitaram da ocasião e caíram sobre o inimigo de todos os lados, esmagando suas forças, interceptando-as e envolvendo-as; a retirada foi uma derrocada. Entre 5000 a 6000 japoneses foram afogados nos alagadiços do rio Liuyang, e os sobreviventes encontraram a travessia dos rios Milo e Hsinchiang — ambos bastante profundos — muito mais terrível e perigosa. O inimigo, recuando em muitas partes mais lentamente do que avançara,

levou dez dias para vencer a distância de cinquenta milhas que separa as defesas de Changsha do rio Hsinchiang. Alcançou sua base em Yoyang, mas para cada dois soldados que partiram, somente um saiu vivo do massacre.

“Arrogantes na vitória, disse um oficial chinês comentando a batalha, e humilhados na derrota. O Japão é como a flor da cerejeira. Floresce ao amanhecer, mas quando murcha ao anoitecer não tem mais cor nem fragância”.

ASTÚCIA VERSUS CANHÕES

Há somente dois princípios básicos de retirada ante uma força superior. Os exércitos podem oferecer ao inimigo linhas sucessivas de defesa. Tal defesa frontal, que se espelha em muitas operações da primeira Grande Guerra, pode ser salva de um rompimento somente com a chegada de reforço substancial. Se a vantagem inimiga é superior aos reforços, o desfecho só poderá ser o mesmo do que o das batalhas de Maláia e de Burma — e mesmo de Shangai, onde forças chinesas, formando uma parede de carne armada de material ineficiente, resistiram durante dois meses diante de uma concentração de forças japonesas auxiliadas por canhões navais, recuando somente quando o aniquilamento se tornou o preço de uma defesa frontal mais demorada. Em Shangai, a China aprendeu uma lição de estratégia. Se existe uma superioridade inimiga em armamentos, como acontece nos principais “fronts” de combate de hoje, a defesa frontal acarreta a perda tanto da cidade defendida como dos próprios exércitos que a defendem.

Na defesa, é mais aconselhável ter-se a força da areia do que a do aço. Assim como a areia absorve o impacto de perigosos fragmentos de granadas, também um exército recuando lateralmente amortece o impeto do avanço das unidades mecanizadas. A China descobriu uma potência de areia — de grande número de homens, de vastas faixas de território. Até mesmo mais importante, a China descobriu uma potência de estratégia — de conhecer como engolfar o inimigo em areia, que pode também servir de uma esplêndida estrada para a vitória. “Se nós não conseguirmos vencer pela força, devemos experimentar a as-

túcia”, dizem os velhos livros chineses, dos quais muitos dos estratagemas tem sido postos em uso na presente guerra.

Planos, entretanto, não vencem batalhas, que no terreno não tem a mesma simplicidade dos mapas. Ainda mais, nenhum ataque é tão complexo quanto uma retirada estratégica, quando o recuo para os flancos do inimigo é desejado de preferência ao recuo frontal por etapas de retardo. As forças inimigas devem ser, de qualquer modo, retardadas no avanço; todo o seu peso não se deve fazer sentir através das defesas finais diante do objetivo; além disso, as tropas que formam a defesa em profundidade não sómente devem mover-se para o lado, como também devem fazer isso sem levantar suspeitas. As tropas devem possuir a mais alta mobilidade; devem pelo menos aproximar-se — mesmo se não conseguirem chegar a esse resultado — do “record” de uma divisão chinesa, que marchou das quatro da tarde até a noite seguinte, venceu sessenta milhas e, imediatamente, entrou em batalha. (2) — Os soldados, individualmente, devem ser treinados na tática de infiltração; devem ser suficientemente independentes para estar ao par do curso de uma batalha sem as ordens constantes dos oficiais, dos quais algumas vezes eles se separam. E o que é de mais importância ainda, as linhas de fornecimentos e comunicações devem ser da mais alta fluidez. Em determinadas regiões da China, por exemplo os soldados não se acham mais longe de alimento e repouso do que se encontram da fazenda mais próxima. Os armazens, pontes, estradas e até mesmo habitações devem ser conservadas vigiadas; devem ficar longe das mãos inimigas, e em caso de perigo são imediatamente destruídos. Finalmente, as ações de unidades isoladas, de divisões isoladas, e mesmo de exércitos isolados devem ser engrenadas juntas, e o contra-ataque precisa obedecer a uma absoluta precisão de tempo. Em Nanning — mais tarde recapturada — os chineses esperaram muito. E Nanning caiu.

CANHÕES VERSUS ASTÚCIA

E' muito importante que o inimigo não seja enganado duas vezes exatamente da mesma maneira. O esboço da segunda e terceira batalhas

(2) Um magnífico exemplo para os que se opõem ao aumento da etapa de marcha da nossa infantaria. (L. F.).

de Changsha pode ter sido idêntico, mas os detalhes dos dois combates quasi que só tinham de comum o terreno.

Os japoneses não são nenhuns tolos. Há indicações de que eles, hoje, não somente estão inteiramente ao par da estratégia básica chinesa, como também alteraram muitos dos seus processos de batalha, num esforço de vencer os chineses.

As ofensivas japonesas, por exemplo, não mais dependem de colunas de reaprovisionamento para conservar homens e máquinas lutando. A Batalha de Taiernchwang, a primeira vitória da China na guerra, deveria ser o bastante para convencer ao comando japonês das consequências de procurar suprir pela retaguarda suas tropas de combate, pois em Taiernchwang as divisões de ataque japonesas ficaram privadas, por mais de quatro semanas, dos necessários suprimentos; pelo menos dois terços da tropa foram aniquilados; caminhões, tanques e artilharia foram abandonados no campo de batalha — não havia gasolina nem alimento. Hoje, quando as tropas nipônicas desfecham uma ofensiva, transportam com elas os suprimentos para todo o período de ação (3). A mobilidade japonesa é prejudicial; o alcance de sua ofensiva é reduzido, mas a lentidão é preferível à morte pela fome. Note-se, entretanto, que na Malaia, onde a tática de defesa frontal deixou sem ameaças a retaguarda japonesa, a proporção de avanço do Japão foi bastante alta.

A tática japonesa foi, por muito tempo, caracterizada pela produção de várias brechas na defesa inimiga, seguida de um avanço rápido sobre o objetivo. Cedo foi averiguado que a defesa frontal era perigosa e nada aconselhável, porque, depois de batalha após batalha, os chineses sempre se atiravam contra as colunas que se dirigiam em busca do seu objetivo. O Japão, por isso mesmo, criou suas próprias forças móveis, treinadas para se encarregarem de ações independentes, de acordo com o plano. Contudo, com esse método, os japoneses dispersaram suas forças, desviaram destacamentos substanciais da zona do esforço principal, e introduziram grandes complexidades e disparates nas batalhas. Há indicações de que essas forças móveis japonesas, trei-

(3) Desde o início que faziam assim. Seus soldados avançavam explorando a fundo os recursos locais. Toda unidade empregada numa ação levava sempre, com ela, reservas para resolver com seus meios quaisquer situações, mesmo a de ficar isolada e lutando por muito tempo. (L. F.)

nadas em infiltração e envolvimento (4), estiveram especialmente ativas na campanha de Chekiang-Kiangsi. Entretanto, esse novo processo pouco resultado teve em relação aos anteriores. Cidades e linhas de suprimento, continuamente, mudavam de mão, e o Japão chegou mesmo a achar difícil a fixação de efetivos para guardá-las, não obstante a proximidade das forças japônicas e a quasi completa inexistência de armas chinesas.

O Japão passou, então, a copiar a China. Em 1937 o Japão procurou impôr à China seu processo de guerra. Ele traçara sobre o mapa toda a campanha, na qual os exércitos chineses recuavam em completa desordem diante do invasor. Contudo, nos anos que se seguiram, vendo o completo fracasso de seus planos, os japoneses começaram a lutar de acordo com uma técnica semi-chinesa, chegando mesmo a empregar homens vestidos como camponeses que raramente, entretanto, passavam diante dos olhos vigilantes dos chineses (5). De fato, os disfarces e infiltrações que tanto preocuparam as tropas das Nações Unidas na Ásia sudoeste, representam o resultado da tentativa do Japão em copiar a intrincada tática chinesa. A própria Ásia sudoeste ofereceu ao Japão os primeiros frutos dessa cópia; mas o ataque contra Changsha, contemporâneo com a investida contra a Malaia, trouxe pânico não para os defensores, e sim para os atacantes.

Em última análise, o sucesso da tática chinesa reside em sua flexibilidade; o Japão tem sido enfraquecido na China pelo emprego dos mesmos planos e cálculos que em todos os outros lugares foram bem sucedidos. E isso porque somente por meio de plano detalhado e regra explícita o Exército Japonês pode constituir-se numa força coordenada. O japonês tem bastante precisão nos serviços de estador-maior e na organização do comando — campos nos quais os chineses tendem a ser menos rigorosos. O Exército Chinês — tanto o regular como o de guerrilhas — é sustentado unido não somente por regulamentos e ordens, mas também por um agudo sentido tático, sentido que pode, facilmente, ser aplicado à estratégia de um recuo para a vitória da própria guerra.

(4) Espécie de "kiel und kessel" nipônica. (. F.).

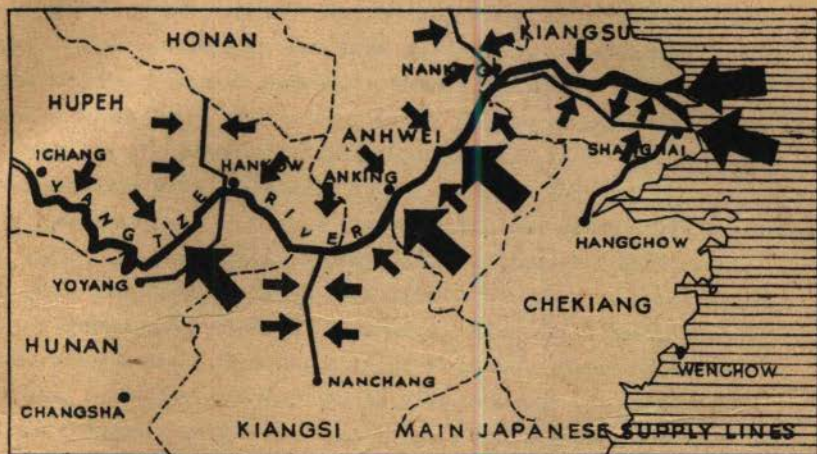
(5) Estratagema usado pelos dois litigantes dada a pequena diferença somática existente entre o chim e o japonês de certa região do arquipélago. (L. F.)

O chinês tem lutado não somente com as mãos, mas também, e principalmente, com a inteligência. Sua sabedoria e os nossos canhões são a maior segurança para uma vitória final na Ásia.

CANHÕES E SABEDORIA

Vitória? Hoje, depois de quasi quatro anos de uma situação embaraçosa na frente da China, depois dos recentes avisos da China de que as armas e suprimentos estão diminuindo, é difícil compreender como o Japão pode ser prontamente colocado em perigo. A guerra, a maior parte dela desconhecida, parece estar estacionada para alguns observadores militares ocidentais, embora não sendo compartilhado esse pensamento, presumivelmente, pelos Russos e Alemães, que mantêm observadores na frente de luta. Alguns peritos militares ocidentais chegaram mesmo a concluir que o Japão não tem feito sentir à China o peso maior do seu Exército, reservando isso para os seus adversários mais recentes. A China, na compreensão de alguns de nossos próprios militares, serviu mais como um campo de treinamento para o Japão do que, na realidade, como um campo de luta. Esses têm procurado desmerecer a formidável escala da resistência chinesa e todo o seu esforço para sobreviver, considerando como problemas únicos da China o de fornecimento e o de estado-maior. Chegaram mesmo a não levar em consideração as lições de estratégia chinesa.

Entretanto, essa estratégia chinesa assegura o sucesso de uma final contra-ofensiva desferida sobre o Japão. Tem sido por constante, embora movel, pressão sobre as comunicações japonesas que os exércitos chineses têm limitado a força que o Japão poderia lançar a um dado tempo numa ofensiva. A China, talvez ao contrário de qualquer outra nação, empregou ataques contra as linhas de suprimento como um meio de diminuir a força do inimigo na linha de frente. Pouca diferença faz de quantos homens e tanques o inimigo tem à sua disposição para enviar às posições avançadas, se não existe óleo, gasolina, alimento e armas para movimentá-los. Note-se que a recente atividade japonesa na província costeira de Chekiang tem sido muito mais bem sucedida do que a atividade no interior da China. Os exércitos japoneses são alimentados por uma estrada de suprimentos originando-se nas proximi-



Os problemas de suprimentos do Japão, no momento da Terceira Batalha de Changsha, são ilustrados no mapa acima. (As linhas de comunicações chinesas não estão representadas). As setas menores indicam a pressão chinesa, permanente e incessante, contra a estrada de ferro japonesa e os embarques no rio Yangtze. As setas maiores, proximas a Shanghai, mostram os pontos de entrada para os suprimentos japoneses, ques de guerrilhas, especialmente desfechados em combinação com a enquanto as outras, colocadas no interior da China, representam os atabalha de Changsha. Note-se que as colunas chinesas realmente interromperam a estrada de ferro entre Hankow e Yoyang.

dades de Hangchow (7); se essa linha de fornecimentos for cortada, então eles terão de morrer de fome e o seu comando terá de começar a pensar mais em termos de resistência do que de ataque. O Japão pode ter penetrado profundamente na China, mas — assim como as tropas chinesas cercaram os nipônicos m Changsha — ele se encontra na realidade completamente cercado (8). O Japão não tem territórios subjugados; o Japão estabeleceu uma série de linhas de reabastecimentos de muitas e muitas milhas de extensão a todos os “fronts”. Pressão contra essas linhas, ao longo das quais a Japão precisa dissipar forças, tem feito mais do que assegurar a sobrevivência da China; na realidade, lançou as bases para a vitória conjunta contra o Japão.

E' por estratégia, e não por simples acaso, que existem tropas chinesas ativas apenas a algumas milhas de quasi todas as cidades conquistadas pelos japoneses. Não foi por mero acaso que, em fevereiro de 1942, os comunicados chineses descreveram ações em Yihsien, uma cidade localizada numa área supostamente dominada quatro anos antes. Foi devido à estratégia brilhantemente planejada que os chineses evitaram que o Japão estabelecesse uma única frente segura. De fato, os fatores limitadores básicos numa guerra que o Japão tem procurado desesperadamente acabar, foram, de um lado, o controle que os chineses conseguiram organizar sobre os embarques de fornecimentos inimigos e, de outro lado, as deficiências em armas ofensivas do próprio Exército Chinês. Até o momento, a ação se tem equilibrado pela falta de armas da China e as dificuldades de abastecimento dos japoneses. Essas dificuldades do Japão, na China, são ainda mais complicadas pela necessidade de alimentar as outras diversas frentes que ele abriu no Pacífico e na Ásia sudoeste; mas essa desvantagem foi contrabalançada pela pobreza da China em armas de fogo essenciais. (Croquis n. 5).

Na batalha pela conquista de Changsha, a contra-ofensiva chinesa foi desfechada com fúria completa no momento em que os japoneses se encontravam cercados. Na Batalha pela conquista da China, o ataque já está todo planejado, mas para a contra-ofensiva ser desferida faltam as armas indispensáveis. Os homens estão prontos; a estratégia,

(6) Há ainda a linha do rio Yang-Tse, mais ao Norte. (L. F.).

(7) Isto é apenas modo de dizer. Não devemos subestimar o inimigo, maximé após suas estrondosas vitórias. E' mister estudá-lo para, mais cedo, vencê-lo. (L. F.)

construída nas vitórias de retiradas de anos passados, está preparada. Não há necessidade de atacar o inimigo nos seus postos avançados. É apenas necessário cortar, por completo, suas linhas de suprimentos e investir contra determinadas de suas cidades básicas.

Depois de expulsar-se o inimigo de Ichang, o ataque contra o rio Yangtze na cidade de Nanking, seria tão importante quanto a conquista de Ichang. Hoje, quando a maior parte dos navios de guerra do Japão no rio Yangtze foi desviada para outras áreas, a maior ação contra as linhas de fornecimento poucos obstáculos encontraria. Na realidade, a Força Aérea Norte-Americana, na China, já está concentrando seu fogo contra os embarques no rio Yangtze, embora com potência insuficiente.

A estratégia já lançou as bases para a derrota japonesa, mas a estratégia é ineficiente sem armas. Que canhões e aviões sejam enviados em quantidade cada vez maior, e então poderemos completar o plano tão habilidosamente construído pelos nossos aliados, os chineses. Para que esses fornecimentos sejam eficientes, é necessário que eles sejam no mesmo número do que os enviados para os campos de batalha da Europa. Enviem materiais e bastante quantidade de outros fornecimentos para a China, e então a contra-ofensiva poderá ser desfechada. Começará numa centena de lugares, em muitas cidades que são os pontos básicos do exército japonês na China. A libertação do imenso território de Chiang-Kai-Shek oferece enormes vantagens: o esmagamento do exército japonês na China e a libertação de suas províncias costeiras, que oferecerão excelentes bases para uma ação vigorosa contra as próprias ilhas do Japão.

A decisão de hoje significará a vitória total ou, pelo menos, a derrota parcial.

Livros à venda na **Biblioteca de A-Defesa Nacional**

História Militar do Brasil — Gustavo Barroso	Cr\$ 13,00
Índios do Brasil — Ten.-Cel. Lima Figuerêdo	Cr\$ 13,00
Indicador Paranhos até 1935	Cr\$ 13,00
Invasão e Tomada das Ilhas Bálticas	Cr\$ 5,00
Impressão de Estágio no Exército Francês — Cel. J. B. Magalhães	Cr\$ 3,00
Instrução na Cavalaria — Cap. Mena Barreto	Cr\$ 11,00